

HISTÓRIA & UTOPIAS



ORGANIZAÇÃO
Ilana Blaj
John M. Monteiro

A N P U H

Associação Nacional de História

HISTÓRIA & UTOPIAS

***Textos apresentados no XVII Simpósio
Nacional de História***

Organização
John Manuel Monteiro
Ilana Blaj

A N P U H

Associação Nacional de História

1996

UM FUZIL NA GUERRA DE CANUDOS *memória de violência na paz do Conselheiro*

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Pouco registro escrito, muita história contada. Na tradição oral da cultura sertaneja, a memória de Antônio Conselheiro.

Percorrendo caminhos do sertão nordestino, pesquisando a memória dos mais velhos, difícil é atravessar um Estado sem ouvir uma história, sem encontrar um rastro do Conselheiro no imaginário popular.

Em Piranhas, cidade sanfranciscana de Alagoas, fronteira com Sergipe, a história que se ouve sobre Canudos se desenrola em torno de duas armas e um telegrama.

Em conversas com informante soube que os remanescentes da família Correia Brito possuíam um telegrama, um fuzil e uma espingarda, heranças de um avô que lutara na Guerra de Canudos.

Acolhida pela gentileza de seu Francisco Rodrigues (seu Chiquinho Rodrigues), entrevistei longamente sua nora, dona Sônia Maria Brito Rodrigues, que confirmou a existência e a posse das armas, embora não tivesse demonstrado disposição de mostrá-las. O telegrama, guardado e transmitido de memória através de gerações de Brito ou Correia Lima, se perdeu nos intrincados da vida, nas reviravoltas do tempo, nas mudanças de moradia de membros da família (existem familiares em Maceió, Aracaju, Recife, Salvador) nas queimas de papéis dos mais velhos que foram morrendo. É hoje um documento de memória.

A herdeira das peças e da memória históricas conta que seu avô, Jesuíno Correia Lima, natural de Floresta do Riacho do Navio —, Pernambuco trouxera as armas afirmando terem sido usadas na guerra contra Conselheiro.

Recorda nitidamente outra história contada pelo povo da família, referente a Canudos. Dona Sônia conviveu, até moça, com sua tia Zezé, irmã de seu pai João Correia de Brito (Correinha). Contava-se na família que dona Zezé estava noiva mas, para casar, tinha de esperar o consentimento do pai, Jesuíno

Correia Lima (também conhecido como Jesuíno Porfírio), que vivia para os lados de Canudos. Espera que espera, um dia chega a Piranhas o telegrama que liga a cidade à memória do Conselheiro, pela mensagem: — “Venci Canudos, case Zezé” — Jesuíno Correia Lima.

Seu Chiquinho Rodrigues, o mais antigo morador de Piranhas, conheceu Jesuíno quando tinha uns cinco anos de idade. Na mocidade ouvia dos pais e dos mais antigos da região que Jesuíno tinha sido ambulante, profissão que o levava até Canudos, onde fora vender tecidos. Segundo as histórias ouvidas por seu Chiquinho, “lá, instado a pedir abenção ao Conselheiro, Jesuíno recusou-se e foi insultado pelo povo do Conselheiro. Revoltado, procurou as altas autoridades da Bahia e de Sergipe, quando conseguiu um contingente de trinta praças para atacar Canudos. Os jagunços mataram todos e assim começou a rebelião. Jesuíno Porfírio voltou para Piranhas onde morreu com mais de noventa anos”.¹

Colhidas essas informações inesperadas e não procuradas em Piranhas, atravessei para Sergipe, levantando memória de violência e cangaço, até chegar em Canudos no dia 12 do mesmo mês.

No dia 17, ainda no acantonamento base do grupo da Universidade do Estado da Bahia, entrevistei um senhor de nome Paulo Monteiro Varjão, nascido ali mesmo nos arredores, no ano de 1909. Esse senhor se revelou um informante muito lúcido, relatando com detalhes experiências por ele vividas, destacando nitidamente o que vivera, daquilo que sabia pelos relatos de sua mãe.

Fui levada a esse informante por uma circunstância feliz, do ponto de vista da pesquisa científica. Na primeira página de meu diário de campo escrevi: Piranhas, 3 de julho de 1992, porque lá reiniciei, naquele ano, a pesquisa de campo sobre Violência e Cangaço no Nordeste, tendo por acaso tomado conhecimento das armas de Jesuíno, quando informei a seu Chiquinho sobre minha ida a Canudos. Relendo todos os dias as narrativas de Jesuíno, afligia-me, frustrada por não ter elementos para testar as informações prestadas, que pareciam colocá-lo em alguma porção significativa na rede de relações sociais da comunidade de Canudos.

Num intervalo dos trabalhos da Semana Cultural de Canudos relia o diário pensando nas estratégias de busca de informantes que tivessem tido contato com cangaceiros. Um dos guias da Prefeitura, Moisés Rebelo Varjão, sentado a meu lado no banco, parecia interessado na caderneta. Lendo o cabeçalho com a data da primeira página, meio espantado, riu e comentou: “Engraçado, o velho meu pai vive contando umas histórias dum homem vindo dum lugar com

¹ Entrevista concedida por seu Chiquinho Rodrigues em Piranhas no dia 3 de julho de 1992. No mesmo mês, entre 3 e 5, entrevistei seu Antônio Rodrigues e dona Sônia Maria Britto Rodrigues.

esse nome, Piranhas! Parece que o homem era conhecido do povo dele, acho que do avô, lá dos tempos do Conselheiro!”. Interessadíssima e surpresa conversei com o rapaz. Soube que era filho temporão de um homem de 89 anos, vivendo numa fazenda cerca de 13 km fora da cidade. Fiquei ansiosíssima para conversar com o senhor, porque Moisés não se lembrava de como o pai chamava o homem de Piranhas.

Fechando a caderneta de anotações para que o rapaz não lesse qualquer registro sobre Piranhas, pedi-lhe uma entrevista com seu pai, o que só foi possível no dia 17, quando me encontrei com seu Paulo Monteiro, manhã cedo, no acantonamento.

É um senhor de porte rígido, queimado de sol, muito amável, que se impõe logo pela expressão serena e simpática. Por precaução não falei o nome Jesuíno para nenhuma pessoa da cidade, principalmente Moisés.

Seu Paulo identificou-se como filho de Pedro Varjão e Maria Monteiro Macedo, esta, filha de Salustiana Monteiro e Antônio Jardim Monteiro. Sua mãe morava no município de Uauá, na fazenda Coiqui, pertencente a um tio, Joaquim Lourenço Monteiro, mais conhecido por Quinquim. Viúva, dona Salustiana casou com Berto Candile (Cândido). Salustiana era irmã de Quinquim.

Enquanto entrevistava seu Paulo Monteiro, Renato Ferraz, professor da UNEB — especialista em Canudos — aproximou-se, cumprimentou-o e me informou que aquele avô a quem o entrevistado se referia era o famoso Quinquim de Coiqui, personagem de Euclides da Cunha em *Os Sertões*.²

Iniciei a entrevista com uma pergunta direta: “Seu Paulo, fui informada de que o senhor tem falado algumas vezes no nome de uma pessoa de Piranhas, contando uma história do tempo da guerra. O senhor conheceu ou ouviu falar de alguém desse lugar”?

Seu Paulo respondeu que ainda não tinha nascido nos tempos dos acontecimentos da guerra, mas a mãe dele contava que conheceu um homem que a família dela ajudou a fugir de Canudos, seu Jesuíno Correia “não sei de quê, não me lembro mais do outro nome”. Ele se lembra de que a mãe contava que seu Jesuíno era de Piranhas e que depois da guerra nunca mais se ouviu falar nele.

Como o filho Moisés tinha-lhe dito que lera o nome Piranhas na minha caderneta, seu Paulo estava ansioso para saber se eu conhecia aquela cidade, se tinha ouvido falar por lá naquela pessoa, porque ele tinha o maior interesse em saber que fim tinha levado aquele homem, tão amigo da avó dele.

2 A ele se refere Euclides: “Quinquim de Coiqui, um crente abnegado que alcançara a primeira vitória sobre a tropa legal...” *Os Sertões*, 7ª ed., Rio de Janeiro, 1923, p. 201.

Respondi-lhe que queria ouvir toda a história que ele conhecia desse Jesuíno, lembrando-se de tudo que sua mãe contava, de que jeito ele era, o que fazia, como vivia, enfim, me falasse o mais possível daqueles tempos, para a gente ver se a Piranhas de que falavam era a mesma que eu conhecia.

Segundo o relato, sua avó tinha uma fazenda cerca de uma légua (6 km) distante do arruado de Canudos. Como ela e o marido gostavam muito do Conselheiro, construíram uma casa bem no centro da Praça do Comércio, que era a rua principal, toda de casas de tijolo caiadas. As outras ruas — da Caridade, da Piedade, dos Pretos, dos Caboclos, até o Alto do Mário, eram todas “mais fraca, tudo casinha de terra”. Vizinha parede meia com os avós ficava a casa de seu Jesuíno.

“Seu Jesuíno era um comerciante que vendia tecido, vendia de tudo e era um homem de consciência. Minha avó comprava tudo nele”.

Os avós maternos e paternos de seu Paulo foram pessoas de posses na época.

Esse povo, meu avô, minha avó, era gente de ter duas, três mil cabeça de criação. Tinha uma nêga véia de apelido Pichicá que vinha lá do Cobocó tangendo um jumento com uns caixão na cangalha, com milho verde pilado com gema de ovo — levanta até vaca caída! Ela ia pedindo cabrito novo para criar e na volta ia de caixão cheio!

Dona Salustiana Monteiro fazia a feira em Canudos e seguia o Conselheiro nas rezas.

Na boca da noite sermão, catecismo na madrugada. Todo mundo trabalhando, vivendo. Conselheiro não quer lá dentro nenhuma sorte de justiça, polícia, juiz, que era tudo da República.

Uma estudante que assistia à entrevista, perguntou: “Por que ele não queria a República”?

“Porque era da monarca; só tava com sete anos”!

Seu Paulo volta ao assunto: “Jesuíno chegou, era um homem honesto, botou casa de negócio. A origem do Conselheiro ter-se acabado, não foi outro não, foi Jesuíno”!!!

Contendo qualquer manifestação de espanto, insisto: “O senhor me conta essa história de Jesuíno e Conselheiro”?

“Pois bom. Os Mota (Antoin da Mota) tinha uma tropa de burro e ia longe, em Feira de Santana, trazer mercadoria que vendia aos comerciantes de Canudos — Antoin da Mota tinha hóstia no corpo! Vendia sola, couro, comprava pele. Totonho Vilanova queria só ele ser o compradô de pele daqui

do Canudo. Não queria que Antoin da Mota comprasse. Antoin da Mota andava com três, quatro tropeiro. Começou a questão entre eles”!

Interrompendo a narrativa, explica que sua família curtia ela mesma as peles: “Espichava, botava cinza, atravessava numa vara para não dar polia e botava para expurgar. Quando começaram a vender pele, a medida era de quatro palmos do pezinho do rabo até o pé do cacho (pertinho da cabeça). Não dando essa medida os comerciante não comprava.

“O comércio de pele começa a ser feito e a rixa vai crescendo até que, dentro de Canudos, mataram Antoin da Mota, seu filho de apelido Rola e o outro filho, Pedro de Rola. O Pedro ainda caminhou assim pras arma, mas já tava na agonia, caiu morreu”!

Segundo a mãe contou a seu Paulo, quando mataram os Mota, dos mais antigos de Canudos, o povo ficou assombrado, mas somente Jesuíno reclamou: “É uma injustiça matar uns homens assim, sem culpa nenhuma”!

A pergunta que formulei sobre quem matou os Mota, seu Paulo foi incisivo: “Foi os jagunço, perfídia de Totonho Vilanova. Essa questão foi tangida por Totonho Vilanova!!”

Indagando sobre a suspeita levantada por algumas pessoas, de que o Conselheiro tenha mandado executar essas mortes, ele se indigna e defende: “O Conselheiro era um penitente. Ele não mandou matar ninguém, muito menos os Mota. Ele não queria a força porque ela era republicana!!”

Jesuíno, segundo o entrevistado, continuou querendo que crimes fossem punidos, reclamando a necessidade de justiça, pedindo polícia em Canudos.

“Então aí, Jesuíno rascando assim, o povo disse: Seu Jesuíno, eles vão-lhe matar! Vá-se embora que eles vão-lhe matar!!”

Sentindo-se ameaçado, Jesuíno se passou para a casa de outra vizinha, dona Arcilina, casada com João Elpídio. Aí ficou trancado o dia todo, disfarçando-se para fugir. Vestiu saia, casaco, botou um xale, um cesto na cabeça e, quando escureceu, abriu no mundo em procura da fazenda de dona Salustiana. Chegou lá a noite explicando: “Dona Salu, vim me esconder aqui; pra seu marido me levar no Bonfim, os homem querem me matar!” A avó de seu Paulo acolheu o foragido ali na Fazenda Rochedo onde vivia. Jesuíno passou aquele resto de noite e o dia seguinte escondido.

Aí o marido dela, o Berto, tinha uma tropa e foi botar ele no Bonfim (Vila Nova da Rainha). Quando foi à noite ele saiu foi-se embora, pegou o trem de ferro e foi pra Salvador. Chegou lá, achou o governo assim fraco. Pegou o navio e foi pro Rio de Janeiro. Lá, naquele tempo era Prudente de Moraes que fez ele

capitão. Ele passou a ser capitão Jesuíno e acompanhou a força; ele viu o fim da guerra. O primeiro foi o Pires Ferreira, não foi? No dia 22 de novembro de 96, quarta-feira. Quer mais? Ri.

“Como é que o senhor sabe que ele veio com a força? Quem o viu com a força?”

“Quem viu? Por final o nêgo véio Berto Cândido quando findou a guerra veio procurar minha avó e vê se encontrava Zé Reis no Canudo. Berto Cândido era dono da tropa que levou Jesuíno no Bonfim. A força prendeu ele e dizia: Mata esse jagunço véio desgraçado! Aí ele dizia: Deixe eu vê o Capitão Jesuíno, deixe eu vê o Capitão Jesuíno! Aí foi quando chegou Jesuíno e disse: ‘Esse aqui foi a salva da minha vida.’ Uns soldados queriam atirar nas ovelhas de dona Salustiana e Jesuíno falou: ‘Aqui não mata não!’ Berto subiu rio acima e foi embora!”

“Então ele foi salvo por Jesuíno?”

“Foi, ele salvou! Ele foi quem salvou essa região toda: o Berto, a minha vó. No dia do fogo a minha mãe perdeu o marido também, o primeiro. Ele se chamava Antônio Fagundes Macedo. Eles moravam perto de Canudo, ele era vaqueiro e ela dizia: Antoin, vá-se esconder que os jagunço vem acolá. Ela não queria que ele fosse para guerra e ele dizia: Vou nada! Mas quando chegaram ele foi. Aí foi Berto e foram todos para briga de Uauá, meu avô Quinquim na frente. Ele comprava boi na Feira de Santana, comprava boi em Uauá. Então foi na terça-feira, acertaram isso lá. Na quarta-feira eles vieram. Quando chegaram gritaram pros soldados: Viva o bom Jesus!!! Viva!!! O marido da minha mãe, naquela fé no Bom Jesus, caiu logo lá. Foi 100 e voltou 70; 30 ficou lá. Veio janeiro, o major Estevão de Brito, com 400 praças veio pra Cambaio. Deram o fogo, morreu dez soldado, matou 90 jagunço e voltou para a Bahia. Quando foi no dia 2 de março, quarta-feira de cinza, veio o Moreira César com mil e duzentos homem. Quando avançou, queimado tudo, antes de atravessá o rio, mataram!!!” A mãe de seu Paulo ficou viúva com 17 anos e casou com o primo Pedro Monteiro Varjão, filho de Quinquim.

Seu Paulo conta que naquele tempo de aperreio, gente morta, outros desaparecidos, as perseguições, nunca mais se ouviu falar de Jesuíno, mas a mãe dele relembrava sempre aquelas histórias. Falei-lhe da história que me contaram em Piranhas, dos descendentes de Jesuíno cuja neta havia entrevistado. Vi-lhe a satisfação de saber da continuação da história de um homem ligado a seus avós, de quem sua mãe falava como de um homem de bem que pagara o favor a dona Salu salvando a vida dela e soltando o marido Berto.

Escrevi a dona Sônia Brito Rodrigues pedindo documentos referentes a seu avô, informações, fotos do rifle e da espingarda. Respondeu-me ter mandado o

rifle para Recife, para ser limpo e cuidado e que até agora a pessoa encarregada do serviço afirmava ter sido o objeto roubado. Enviou-me fotografia da espingarda, junto a uma carta, datada de 5 de maio de 1993 com as seguintes informações:

Jesuíno Correia Lima nasceu em Floresta do Riacho do Navio, Pernambuco (não sei data do nascimento). Veio para esta região do sertão do Rio São Francisco — Alagoas e Sergipe — já adulto pois era comerciante ambulante. Vendia: ouro, couro, tecido, etc. — acredito que de tudo um pouco — em burros, até o Estado da Bahia.

Casou-se com Delfina de Lima Brito e fixou residência no Furado, Sergipe, local em frente a Piranhas, Alagoas, e tiveram 5 filhos: 2 mulheres e 3 homens. Todos já morreram.

Faleceu em 28 de março de 1915 no Furado e foi enterrado no cemitério da ex-cidade de Canindé de São Francisco. Atualmente existe a obra da barragem do Xingó.

Seguem os retratos da espingarda calibre 32, e que conservo em sua originalidade.

Ainda não lhe comuniquei os relatos de seu Paulo Monteiro, mas considero haver nos depoimentos dos informantes de Piranhas e Canudos, mesmo sendo todos dados de memória, verossimilhanças de nomes, profissão, local de origem, suficientes para se afirmar tratar-se do mesmo personagem.

Como é próprio da mitificação da história, os feitos avultam, os personagens se projetam para muito além de seus limites cotidianos. Assim seu Paulo Monteiro atribui a Jesuíno, transfigurado por mais de 90 anos de narrativa oral, a responsabilidade pela derrota de Canudos, pela desgraça de Conselheiro. Como resgata a memória do telegrama, que registrei no início do artigo, Jesuíno também se atribui papel determinante na guerra contra Conselheiro, ao escrever: “Venci Canudos...”

Num aprofundamento da pesquisa acontecida não inintencionalmente, por um fenômeno de serendipidade, procurei, nos arquivos documentais e nos livros sobre a Campanha de Canudos, verificar se existe algum registro da presença desse personagem como guia voluntário ou contratado das forças legais que marcharam contra Conselheiro.

E lá está o guia Jesuíno. Euclides da Cunha³ e Villela Júnior⁴ escreveram sobre personagem sem registrar onde nascera ou o destino tomado no fim da

3 José Calasans cita no texto “Um certo Capitão Jagunço”, as seguintes referências a Jesuíno Correia Lima, em Euclides da Cunha: 1 — *Caderneta de campo* — Introd.,

guerra. O mistério de sua origem e de seu desaparecimento transforma-o em figura mítica, herói de ficção no romance de Paulo Dantas — *Capitão Jagunço*, cantado por esse autor também em versos, na voz de Luiz Gonzaga.

O retorno a Canudos em 1993, pondo-me em contato com o professor José Calasans, mais entrevistas feitas e indicações documentais seguras daquele pesquisador, completaram o processo de identificação histórica do guia Jesuíno — *Capitão Jagunço*.

Calasans escreve que Jesuíno Correia Lima viajava negociando pelos sertões, estabelecendo-se em Canudos atraído pelo crescimento do lugar. “Descobriram, porém, que ele tinha relações com a República. Era capitão da Guarda Nacional e Juiz de Paz na localidade onde morava. Denunciaram-no ao Conselheiro. Sofreu humilhações e terminou expulso do Arraial”.⁵ Por esta versão Jesuíno teria sido expulso de Canudos por ser republicano, tendo sido muito humilhado pelo jagunço do Conselheiro, Pajeú.

Do jagunço sobrevivente da guerra, Pedrão, Calasans ouviu a versão de que Jesuíno teria sido expulso de Canudos porque “tentara conquistar uma mulher casada e, por isto, foi obrigado a abandonar, correndo, o Bello Monte”.⁶ Segundo esse artigo, o guia fora para Alagoas, porém o paradeiro era ignorado.

Marcos Evangelista da Costa Villela Jr., combatente em Canudos no posto de sargento, em 1951, aos 76 anos e já brigadeiro, dá um elucidativo depoimento sobre a Campanha de Canudos. Apresenta-se como o artilheiro que acionou a célebre “matadeira”, canhão que bombardeou por semanas a fio Canudos, destruindo com tiros certos os baluartes da resistência sertaneja.

Tendo participado da expedição de Moreira César, Villela Jr., descrevendo a presença da coluna em Monte Santo — Bahia, afirma: “Foi nesse local que apareceu o capitão da Guarda Nacional Jesuíno, velho fazendeiro e uma das vítimas dos jagunços (como eram chamados os fanáticos de Antônio Conselheiro), que liquidaram toda a sua família, tendo ele escapado por andar viajando na ocasião; o desatino fora praticado pela falange comandada pelo

notas e comentário por Olímpio de Souza Andrade. São Paulo, 1975, p. 304; 2 — *Os Sertões, campanha de Canudos*. Rio de Janeiro, 1902, p. 266. Informa também que Martins Horcade afirma ter Jesuíno participado do reconhecimento do cadáver de Antônio Conselheiro.

- 4 Marcos Evangelista da Costa Villela Júnior, *Canudos: memórias de um Combatente*, São Paulo, 1988.
- 5 José Calasans, “Um Certo Capitão Jagunço”, in *Quase Biografias de Jagunços (o séquito de Antônio Conselheiro)*, Salvador, 1986, pp. 85, 87.
- 6 Calasans, *op. cit.*, p. 86.

negro Pajeú. Jesuíno apresentou-se ao coronel Moreira César para ser o cicerone da coluna, declarando também que queria, quando entrasse a coluna em combate, uma carabina e munição, pois tinha fé em Deus não morrer enquanto não se encontrasse com o negro Pajeú para tê-lo como presa sua. Assim, incorporou-se o capitão Jesuíto à brigada, sendo o nosso guia, pois conhecia aquela do sertão palmo a palmo”.⁷

Relatando as dificuldades de deslocamento das tropas que enveredavam muitas vezes por caminhos sem saída, escreve: “Mas isso só acontecia quando o capitão Jesuíno ficava na retaguarda da coluna, o que deu lugar a uma mudança: ele passou a marchar sempre com o pelotão que fazia a vanguarda, comandado por um oficial”.⁸

O autor relata ainda que Jesuíno acompanhou as tropas desde a expedição Moreira César e que, já na quarta expedição, tinha pedido ao General Arthur Oscar que lhe entregasse Pajeú, se este caísse prisioneiro, “pois tinha contas a ajustar com aquele negro bandido”.⁹ Conta a valentia do guia que empunhava um fuzil na linha de fogo. “No cerco de Canudos, ficou na linha que guarnecia a esquerda da cidadela, que era o lado mais provável de fuga dos jagunços”.¹⁰

Em nenhum episódio o brigadeiro se refere às degolas em Canudos, afirmando que Pajeú foi abatido por uma bala de fuzil de Jesuíno, que declarou: “Posso morrer descansado; vinguei tudo quanto este negro bandido fez à minha família”.¹¹

No desenrolar do depoimento o ex-combatente de Canudos não mais se refere ao guia das tropas.

Procurando mais registros sobre Jesuíno, segui indicação de Calasans de que Euclides de Cunha o entrevistara. Consultado um manuscrito inédito de Euclides, não utilizado em *Os Sertões*, lê-se na página 39: “O guia Jesuíno consultado indicou com segurança a descrição do arraial”. Nas páginas 17 e 18 o autor fala sobre o guia, descrevendo-o como um velho que perdera toda a família, vítima dos jagunços e que se incorporara às tropas na expedição de Moreira César em Monte Santo.

Logo, Jesuíno não foi incorporado às tropas na capital, como foi passado para populares, tanto em Canudos quanto em Piranhas.

Seu José Francisco da Silva (Zé de Isabel), ancião centenário “nascido no dia do fogo de Massaté, dizia minha mãe”, residente em Riacho das Pedras,

7 Villela Júnior, *op. cit.*, p. 19.

8 Villela Júnior, *op. cit.*, p. 83.

9 Villela Júnior, *op. cit.*, p. 83.

10 Villela Júnior, *op. cit.*, p. 84.

11 Villela Júnior, *op. cit.*, p. 83.

Município de Uauá, tem uma versão que ouviu de várias pessoas quando era mais moço. Segundo ele, “contavam que existia um velho branco, barbudo, que não quis dar viva ao Conselheiro e foi arrastado pelas barbas, sendo muito humilhado. Esse homem foi pra capitá, deu queixa e veio guiando as tropa até o fim de Canudos”. Ele não se lembra do nome do velho.

Variam as versões sobre os motivos da saída do personagem de Canudos, mas todas têm em comum a existência de um homem que viveu no povoado e voltou guiando as tropas para sua destruição.

Outro ponto a ser analisado, contado com maior detalhamento por seu Paulo Monteiro, é a existência de conflito violento no interior da cidadela construída para a paz e a igualdade segundo a utopia pregada por Antônio Conselheiro.

A análise dos elementos da narrativa de seu Paulo Monteiro demonstra nitidamente a posição favorável que sua família tomou em relação a Jesuíno, evidenciando uma cisão, uma ruptura com o surgimento de grupos antagônicos diante das mortes dos Mota.

A lealdade ao Conselheiro não impede o surgimento de facções no interior da sociedade organizada segundo o sonho do beato. Parcelas da comunidade, de forma velada ou mais ou menos expressa, apoiando Jesuíno, traduzem sua repulsa à tragédia gerada pela disputa do comércio de peles.

Desdobramento dessa linha de raciocínio, pode-se afirmar: recusando a presença da força, do poder do Estado do qual se afastara cada vez mais em suas peregrinações, Antônio Vicente Mendes Maciel não teria conseguido manter a paz entre seu povo. No mundo que construíra, começara a cair prisioneiro dos limites de sua utopia. Em quase três anos de existência a cidade crescera além de suas possibilidades de controle apenas pelas palavras e pelo exemplo de sua vida prática de trabalho, caridade e humildade. Já havia na sociedade de Canudos gente rica se matando pelo monopólio do comércio. O pecado maculava a santidade do mundo do Peregrino!

A fuga de Jesuíno, propiciada pelos que não aceitaram a violência dentro de Canudos demonstra, mais do que insegurança individual do fugitivo, a descrença de um grupo na capacidade do Conselheiro de impedir a repetição da violência criminoso.

A força daquela divisão que opôs partidários de Jesuíno aos Vilanova aparece na tomada de posição de Seu Paulo Monteiro, vivendo até hoje a emoção do confronto, quando declara ao jornalista Fernando Granato: “O Antônio Vilanova (um dos jagunços conselheiristas) roubou uns burros do meu avô e nunca devolveu, não senhor”!¹²

12 *O Estado de São Paulo*, Cultura — Suplemento Especial, 23 de maio de 1993, p. 4.

Como acontece em relação ao Padre Cícero¹³ o juízo dos seguidores não questiona seu santo, nem nas ocasiões de crise. Da narrativa de seu Paulo Monteiro, memorizada pela repetição das histórias em mais de nove décadas, repassada de emoções pretéritas, carregada do peso de decisões irrevogáveis, não se extrai qualquer cobrança de ação por parte de Conselheiro no episódio dos assassinatos.

Os crimes fragmentam, numa luta fratricida, a irmandade de Canudos. O Padrinho, Conselheiro, Guia, o Santo, o Pai, este continua, acima das “ruindades do mundo”, a Esperança do Bem, a Figura sem Pecado. Por ele, irmãos divididos se unem na luta de defesa do reduto até o extermínio, tendo antes os Vilanova escapado com a família, após a morte do Conselheiro.

Jesuíno, para explicar ao Exército sua decisão de colaborar para a destruição de Canudos, pedindo para si o direito de matar Pajeú, forja uma justificativa que transforma a comunidade do Conselheiro num antro de bandidos, versão encampada por todos que participam do massacre. O guia Jesuíno, cuja lealdade ao exército é acentuada por Euclides da Cunha no manuscrito¹⁴, forja uma história de destruição de sua própria família — mulher e filhos. Reivindica junto ao governo ressarcimento dos prejuízos materiais sofridos em Canudos¹⁵ e desaparece em seguida, nunca mais tendo sido identificado nos cem anos que decorreram desde o fim da campanha de Canudos.

Como atesta a carta de sua neta Sônia Brito Rodrigues, a esposa de Jesuíno se chamava Delfina de Lima Britto. Segundo a entrevistada, sua avó nunca saiu de Piranhas, onde criou os filhos: João Correia de Britto (Correinha), Francisco Correia de Britto (Sinhô Correia), Severo, Maria José, Antônia Seixas Britto e Porfírio Correia de Britto. Todos morreram de morte natural e dona Delfina sobreviveu ao marido alguns anos.

Jesuíno fixara residência em Piranhas sob a proteção de seu parente o Coronel Manuel Porfírio de Britto, rico proprietário de gado naquele município, do qual foi chefe político até 1912 quando perdeu a eleição para o coronel José Rodrigues. Manuel Porfírio era da zona de Canindé de Sergipe, irmão de Neco Britto e Chico Porfírio de Britto, fundadores da fábrica de tecidos de Propriá-Sergipe.

13 Ver: Luitgarde O. C. Barros, *A Terra da Mãe de Deus: um Estudo do Movimento Religioso de Juazeiro do Norte*, Rio de Janeiro, 1988.

14 Euclides da Cunha, Manuscrito inédito, Biblioteca Nacional, MS 16/NP.

15 Calasans afirma ter lido há muitos anos uma entrevista de Jesuíno no Diário de Notícias da Bahia, onde ele declara os prejuízos sofridos em Canudos. Infelizmente ainda não foi possível localizar o jornal na Bahia nem no Rio de Janeiro.

Os filhos e netos de Jesuíno viveram e vivem a história de Piranhas, até nossos dias. Segundo dona Sônia, nenhum dos parentes vivos sabe da história do avô, além dos dados que constam das entrevistas e da carta que me enviou. Todos ignoram até que ele foi personagem de *Os Sertões*. O avô não divulgou a versão dada por ele ao exército, óbvio, mas de alguma forma veiculou a história narrada por seu Chiquinho.

O depoimento de seu Paulo Monteiro é rico em detalhes do episódio da fuga onde Jesuíno escapa vestido de mulher, subterfúgio que, na cultura sertaneja, destruiria para sempre sua imagem de valentia.

A memória oral, um século depois, ao contribuir para a historização de um personagem que se mitificara, desfaz ao mesmo tempo uma lenda, que era a dedicação de Jesuíno à causa da punição dos crimes do Conselheiro contra sua família.

Por outro lado, trazendo ao debate das moderna teoria contemporâneas de análise do social, o confronto entre grupos no interior de Canudos, quebra outro mito que se vai construindo nas Ciências Sociais no Brasil, que seria a existência de uma sociedade homogênea, sem contradições, sob a direção pacífica e o controle absoluto de Antônio Vicente Mendes Maciel, o santo Conselheiro.

Texto apresentado na sessão Canudos: Utopia e Saga Sertaneja, 21/7/1993.